

MEMÓRIAS  
DA  
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE  
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLIV



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA

LISBOA • 2023

# Considerações sobre a acta do prémio “Antero de Quental” (1934) desaparecida durante oitenta anos

ARTUR ANSELMO

Ao longo da minha carreira docente, na Europa e no Brasil, vezes sem conta incitei alunos de mestrado e de doutoramento a tentarem localizar, nos arquivos do antigo SPN<sup>1</sup>, a acta do júri que, em Dezembro de 1934, atribuiu o “Prémio Antero de Quental”. Várias tentativas se fizeram para encontrar a famosa acta, graças à qual, enfim, se faria luz acerca das condições em que a *Mensagem* de Fernando Pessoa foi liminarmente afastada da competição, embora posteriormente recuperada por António Ferro. Tudo em vão: na Biblioteca Nacional e na Torre do Tombo não havia vestígios das pastas do arquivo do SPN em matéria de prémios literários; em mãos particulares, às quais foram parar documentos preciosos de organismos extintos pela mudança de regime político em 1974, também não — e estranho seria que tivesse entrado no mercado, sem notícia visível, uma peça que continuava inédita há oitenta anos.

Do conteúdo da acta, porém, alguma coisa se sabia, graças às informações recolhidas, à época do prémio, no *Diário de Lisboa* e, por outro lado, às escassíssimas recordações pessoais de Fernanda de Castro sobre o assunto. Uma síntese minuciosa de quanto chegara até aos nossos dias foi revelada por José Blanco, por via electrónica, no “Portal Pessoa”. Este investigador — sem dúvida um dos melhores conhecedores da vida e obra de Fernando Pessoa — deixou escrita em 2006 uma frase que a todos continuava a intrigar. “Só a leitura da acta completa do júri do Prémio Antero de Quental — afirmava então José Blanco — poderá, eventualmente, trazer algumas clarificações para o que se passou. Mas ainda me não foi possível encontrar pistas seguras sobre o paradeiro e a acessibilidade das actas, que talvez ainda se encontrem nos arquivos do antigo SPN. Ficará, pois, para uma nova investigação e, de momento,

---

<sup>1</sup> Secretariado da Propaganda Nacional (1933–1951), mais tarde designado por Secretariado Nacional da Informação (1951–1972) e depois por Secretaria de Estado da Informação (1972–1974).

temos de contentar-nos com os extractos que delas foram publicados nos jornais da época”.

Ora, estando as coisas neste ponto-morto, imagine-se o alvoroço que senti quando Rita Ferro me disse que, na Fundação António Quadros (animada exemplarmente por sua irmã Mafalda Ferro), existia uma fotocópia do primeiro livro de actas do SPN, no qual, nas folhas 9 a 13, pode ler-se:<sup>2</sup>

### ACTA NÚMERO QUATRO

*Aos vinte e nove dias do mês de Dezembro de mil novecentos e trinta e quatro, pelas quinze horas e um quarto, reuniram-se, no gabinete do Director do Secretariado da Propaganda Nacional, os membros do júri do “Prémio Literário de Antero de Quental” (Poesia), Excelentíssimos Senhores Acácio Paiva e Doutor Mário Beirão. Estavam também presentes os Excelentíssimos Senhores António Ferro, Director do Secretariado da Propaganda Nacional, e eu, António de Menezes, que servi de Secretário. Os Excelentíssimos Senhores Dona Teresa Leitão de Barros e Doutor Alberto Osório de Castro enviaram os seus votos por escrito.*

*Aberta a sessão, o Senhor António Ferro leu o regulamento do mesmo Prémio, tendo feito algumas considerações sobre a instituição dos Prémios Literários do Secretariado da Propaganda Nacional, no presente e no futuro. Em seguida leu a lista dos candidatos que eram os seguintes: Primeira Categoria (mais de cem páginas) os Excelentíssimos Senhores Fernando Pessoa, com o livro Mensagem; Fausto José, com o livro Síntese; Hugo Rocha, com o livro Rapsódia Negra; Vasco Reis, com o livro A Romaria; Pedro Homem de Melo, com o livro Caravela ao mar; Silva Tavares, com o livro Gente humilde; Carlos Pacheco, com o livro Primeira entrevista de dois amantes; António Guerra, com o livro Tomar lendário; Rodrigo de Melo, com o livro Seiva; Marques Matias, com o livro Água do meu poço; Joaquim Costa, com o livro Melodias na sombra; Jaime*

---

<sup>2</sup>O meu agradecimento às netas de António Ferro é tanto maior e mais sentido quanto é facto que em parte alguma encontrei dados pelos quais alguém atestasse ter tido conhecimento integral do texto da acta. Esta proveio do espólio de Fernanda de Castro, a mulher de António Ferro, que juntou à acta o Regulamento do Prémio Antero de Quental e o discurso proferido pelo marido na cerimónia da entrega dos prémios, em 21-2-1935.

Cunha, com o livro *Chama da pátria*; Bramão de Almeida, com o livro *Maré alta*, e José Luís de Caldas, com o livro *Arraial minhoto*. À segunda categoria (menos de cem páginas), os *Excelentíssimos Senhores*: Augusto Ferreira Gomes, com o livro *Quinto Império*; Araújo Pereira, com o livro *À sombra da tarde*; Afonso Simões, com o livro *Contos rústicos*; Osório Goulart, com o livro *Um Lusíada*; Ramiro Guedes de Campos, com o livro *Credo*; Alfredo César, com o livro *Maravilhas da História de Portugal*; António Cardim, com o livro *Lago azul*, e António Botto, com o livro *Ciúme*. O júri, a seguir, examinou as obras referidas, considerando fora dos termos do regulamento, para a primeira categoria, os livros *Melodias na sombra*, por se tratar duma colectânea de versos já publicados noutros volumes; *Água do meu poço*, por ser inferior a cem páginas, e *Mensagem* pelo mesmo motivo, visto que o corpo do livro acabava na página número noventa e seis. Procedendo depois a um exame de valores, foram excluídos os livros *Síntese*, *Gente humilde*, *Chama da Pátria*, *Maré alta*, *Seiva*, *Tomar lendário*, *Arraial minhoto* e *Primeira entrevista de dois amantes*. O Secretário leu, então, as seguintes cartas, que contêm os votos da *Excelentíssima Senhora Dona Teresa Leitão de Barros* e do *Excelentíssimo Senhor Doutor Alberto Osório de Castro*:

“Lisboa, 28 de Dezembro de 1934. — Ex.mo Senhor Presidente do júri encarregado de atribuir o “Prémio de Antero de Quental” (Poesia), instituído pelo Secretariado da Propaganda Nacional. — Impossibilitada, por motivo de força maior, de comparecer na reunião do júri, presidido por V. Ex.<sup>a</sup>, venho, por este meio, apresentar o meu parecer sobre as obras concorrentes que julgo melhor merecerem, dentro das respectivas categorias em que foram incluídas, as recompensas destinadas ao Prémio de Antero de Quental. Em minha opinião, a obra que, dentro da primeira categoria, julgo satisfazer melhor, pelo seu alevantado cunho nacionalista e pela sua beleza literária, ao espírito que ditou a instituição do Prémio de Antero de Quental, é a intitulada *Mensagem*, de Fernando Pessoa. Dentro da segunda categoria — em que, conforme a letra do Regulamento, só deveriam ter sido admitidos poemas ou poesias soltas — parece-me merecedora da prometida recompensa a poesia *Credo*, de Rodrigo Guedes de Campos, apresentada em exemplar dactilografado. Expressa a minha desvaliosa opinião — que procurei basear numa atenta leitura de todas as obras, na boa compreensão do pensamento que ditou a criação deste género de prémios e no possível alheamento de quaisquer simpatias ou afinidades espirituais —, seja-me permitido manifestar o meu maior apreço por algumas das obras apresentadas a concurso, que me pareceram consoladoras certezas da forte vitalidade da poesia portuguesa

*e, sobretudo, da existência de um núcleo de poetas moços de alto valor e dignos de todo o estímulo. Quero mesmo afirmar que só o respeito pela letra do Regulamento a que obedeceu este concurso — no qual se expressa a intenção de premiar uma obra de exaltação nacionalista —, me levou a não hesitar na escolha do livro que devia merecer a prometida distinção. É possível que, mesmo sem essa exigência, eu escolhesse da mesma maneira, em última análise, a obra Mensagem — porque ela é, na verdade, rica de conceito e de intenção, ainda que pouco acessível a muitas sensibilidades —, mas, atendendo ao espírito que ditou as bases do concurso, a minha tarefa simplificou-se e a minha consciência ficou livre de qualquer preocupação de involuntária injustiça. Para a hipótese de o júri presidido por V. Ex.<sup>a</sup> desejar fazer qualquer bem merecida e honrosa menção doutras obras dignas de louvor especial, cito, sem destrinça de mérito relativo, as que me pareceram mais apreciáveis: primeira categoria: Caravela ao mar, de Pedro Homem de Melo; — Gente humilde, de Silva Tavares; — Síntese, de Fausto José; — Água do meu poço, de Marques Matias; — A romaria, de Vasco Reis; — Água de neve, de Nuno de Montemor; — Melodias na sombra, de Joaquim Costa; — Seiva, de Rodrigo de Melo; — Maré alta, de Bramão de Almeida. Segunda categoria: — Quinto Império, de Augusto Ferreira Gomes; — Lago azul, de Nita Lupi; — Ciúme, de António Botto; — Rosal em flor, de Virgínia Mota Cardoso. Resta-me ainda pedir a V. Ex.<sup>a</sup> que se digne apresentar, em meu nome, ao Ex.<sup>mo</sup> Senhor Director do Secretariado da Propaganda Nacional as minhas felicitações muito calorosas pela iniciativa da criação dos Prémios Literários, como factor daquela superior “política do espírito”, cuja inadiável necessidade, nesta grande hora de ressurgimento nacional, ele foi o primeiro a apontar e a preconizar. Com respeitosa consideração, subscrevo-me de V. Ex.<sup>a</sup>, muito atenta, veneradora e obrigada. — Teresa Leitão de Barros.”*

*“Ex.<sup>mo</sup> Senhor Chefe dos Serviços Internos do Secretariado da Propaganda Nacional. — Tive a imerecida honra de receber o convite do Secretariado da Propaganda Nacional para fazer parte do júri do “Prémio Antero de Quental”, e, se não houvesse acedido ao amável convite, quando verbalmente me foi feito, recuaria por certo, pensando, ao reconhecer em minha consciência a insignificância do meu voto, nesta esmorecida fase da vida em que me encontro e com uma obra de poesia de que mal me já lembro, dispersa como ficou pelos longes do exílio, ao acaso da vida. E nem mesmo posso ouvir opiniões fundadas de camaradas em pleno vigor de criação artística, porque o estado precário da minha saúde me obriga a sair de Lisboa no dia 27, para as*

vizinhanças da Ericeira, a descansar nestes últimos dias das férias breves do Natal. Por honra, porém, do encargo aceite tão de ânimo leve, cumpro o dever de enviar o meu parecer por escrito. Li com cuidado as obras presentes ao concurso. De todas elas destaco: Mensagem, por Fernando Pessoa; A romaria, por Vasco Reis; Rapsódia negra, por Hugo Rocha; Gente humilde, por Silva Tavares. No livro de Eduardo Bramão de Almeida, Maré alta, há um poemeto, "O friso das varinas", que é interessante, mas não basta para impor o conjunto, quer-me parecer. Há outras obras em que a técnica do verso é perfeita, melodistas os ritmos, mas o tema lírico dilui-se num excesso de verbalismo sem grande, empolgante poesia. Em outras, o verso livre é tão-só desarticulação inexpressiva, ataxia desordenada, indo até ao monossílabo átono que nem vale como imagem. Nem todos podem realmente fazer o verso livre. O livro Gente humilde, de Silva Tavares, é ritmicamente perfeito. Pequena geórgica alentejana. Mas não comove porque não transfigura, como é próprio do género lírico, de toda a arte, afinal — suprema magia —, a paisagem e a gente que nela vive e sofre ou ama. Na Virxe do cristal de Curros Henriquez, por exemplo, o poeta não precisou de notar a linguagem rústica, incorrecta, dos campónios, cujo drama fez viver, mas encheu-a apenas da grande alma emotiva e sensível da raça. Cada diálogo é só a expressão lírica das almas. A Rapsódia negra, de Hugo Rocha, é obra que se lê com prazer espiritual, mas tem o valor relativo de um simples contacto episódico, dir-se-ia, com o estranho mundo africano, entrevisto na febre da viagem, no deslumbramento da luz incandescente dos trópicos. O livro de Fernando Pessoa é obra de alto poeta dominador da técnica e do tema lírico, mas, por demasia, elíptico e hermético. Contém um profundo "sentido de exaltação nacionalista", é certo, o imenso sonho atlântico do Quinto Império. Mas a inspiração é excessivamente esotérica para directamente chegar à alma clara e simples do povo português, enamorada do sol e da vida. Perfeita maravilha de lirismo português é o livro de Vasco Reis, A romaria. Esse, sim, desabrocha do solo português como uma delicada fioretta franciscana, roseta branca ou rósea dos pinhais ou dos montados, em plena primavera emocional. O lirismo encantador dessa obra-prima unge a paisagem idílica do Além-Douro minhoto, transfigura, em pureza e candura, a alma da sua gente moça ou idosa; ante a aparição final de "Segunda Barca", magistralmente nuançada, sente-se o mesmo frémito que nos dá a leitura de certos casos de Phantasms of living. O aparecimento desta obra rara ao concurso é para mim um acontecimento igual ao que seria o livro de Cesário Verde ou de António Nobre, uma revelação excepcional do novo poeta lusíada. Na primeira categoria ficaria, por meu voto, como maior valor, o admirável livro de Vasco Reis.

*Na segunda categoria do concurso, como maior valor, o de Fernando Pessoa, digno de ser inscrito, poemeto a poemeto, no solo marmóreo das estátuas dos nossos grandes homens representativas. Em minha consciência assim entendo dever votar em meu isolamento, desde que, por infelicidade minha, só me é dado fazê-lo por escrito e não ouvindo previamente, como soem juízes, para um acórdão final, a autorizadíssima opinião dos meus ilustres colegas de júri. Far-me-á V. Ex.<sup>a</sup> a grande bondade, que antecipadamente agradeço, de por mim apresentar, na reunião do júri, este meu parecer que outro valor não tem, claro está, que o da sua inteira sinceridade, e, desde logo, com os protestos do meu inteiro respeito pelos votos em contrário. Tenho a honra de ser de V. Ex.<sup>a</sup>, muito atentamente. — Alberto Osório de Castro. — A de V. Ex.<sup>a</sup>, Lisboa, rua do Infante D. Henrique, 68, 2.º. Dezembro, 25, 1934.”*

*Comentando estas cartas, o Senhor Acácio de Paiva fez várias observações a propósito dos livros do concurso, terminando por dar o seu voto a Romaria, de Vasco dos Reis.*

*Fala, em seguida, o Senhor Doutor Mário Beirão, que manifesta o seu entusiasmo pela mesma obra, classificando o seu autor de “poeta verdadeiro” e a sua poesia, espontânea e límpida, de “voz de uma fonte”. Considera-se, pois, atribuído, por maioria, ao livro de Vasco Reis, o Prémio de Antero de Quental (primeira categoria). Deve registar-se, quis que ficasse bem expressa a estima que lhe inspiraram Rapsódia negra, de Hugo Rocha, obra de valor, mas cujo espírito nem sempre coincidia com as directrizes do concurso; Melodias na sombra; Caravela ao mar e Síntese.*

*Para a segunda categoria manifestou o Senhor Acácio de Paiva a sua intenção de não dar o seu voto a nenhuma das obras apresentadas, por nenhuma delas o satisfazer completamente. O Senhor Doutor Mário Beirão propõe que o prémio seja atribuído à Mensagem de Fernando Pessoa, quer pelo seu valor intrínseco, quer por se tratar duma obra que pode ser encarada no seu conjunto como um autêntico poema nacionalista. Assim se atenderia também à opinião da Senhora Dona Teresa Leitão de Barros, que, tendo o livro de Fernando Pessoa, por ser inferior a cem páginas, transitado para esta categoria, não deixaria por certo de o salientar entre todos.*

*Tendo o Senhor Acácio de Paiva aderido a estas considerações, foi o Prémio de Antero de Quental (segunda categoria) atribuído, por maioria, ao livro Mensagem.*

O Director do Secretariado da Propaganda Nacional congratulou-se pelas resoluções tomadas, sublinhando que um dos mais interessantes objectivos dos Prémios Literários é a revelação e consagração de novos valores, o que sucedera precisamente com a descoberta do belo livro de Vasco Reis, autor até hoje completamente desconhecido do nosso público. Acerca de Fernando Pessoa declarou também a sua grande satisfação por ver o júri reconhecer e homenagear o mérito da sua obra, trazendo assim à luz duma maior publicidade um nome de marcado prestígio nos cenáculos intelectuais mas que até agora voluntariamente vivera num isolamento distante. Mostrou-se também resolvido a estudar com atenção o processo de aproveitar a escolha do júri para demonstrar a Fernando Pessoa o particular apreço que a sua rara personalidade merece a todos os espíritos cultos.

Por nada mais haver a tratar, foi encerrada a sessão, da qual se lavrou esta acta, que vai assinada por todos os membros do júri presentes e por mim, que servi de Secretário e a subscrevo.

António de Menezes./ António Ferro./ Acácio de Paiva./ Doutor Mário Beirão.

Da leitura da acta ressaltam várias conclusões, que passo seguidamente a enumerar:

1.<sup>a</sup> O júri<sup>3</sup> agiu precipitadamente ao dividir os concorrentes em duas categorias: os que se apresentaram com obras de mais de 100 páginas (enfileirando-os numa arbitrária “Primeira categoria”) e os que concorriam com obras de menos de 100 páginas (arrumados numa não menos arbitrária “Segunda categoria”). Note-se que a lista das obras da “Primeira categoria” abria com a *Mensagem*, como estava rigorosamente certo, uma vez que o livro de Fernando Pessoa tinha 104 páginas, sendo brancas (como mandavam — e mandam ainda hoje — as regras da editoração) as páginas 1/2 e 103/104. A última página de texto, colocada a seguir ao índice, continha o colofon, ao centro da página 102, que reza assim:

---

<sup>3</sup> Composto, nos termos do anúncio do Prémio, por um “poeta de grande nome nacional” [Alberto Osório de Castro], um “poeta da nova geração literária” [Mário Beirão] e “dois críticos literários em exercício na imprensa de Lisboa” [Teresa Leitão de Barros e Acácio de Paiva].



COMPOSTO E IMPRESSO  
EM LISBOA, NAS OFFI-  
CINAS DA EDITORIAL IM-  
PÉRIO, LDA., 151 - 153  
RUA DO SALITRE, DU-  
RANTE O MÊS DE OU-  
TUBRO DO ANNO DE  
1934, DA ERA DO  
CHRISTO DE NAZARETH.<sup>4</sup>

2.<sup>a</sup> A reunião iniciou-se com a leitura do regulamento do Prémio, feita por António Ferro, director do Secretariado. A acta não transcreve o regulamento<sup>5</sup>, mas este era redigido nos seguintes termos:

N.º 1) — *O prémio Antero de Quental será atribuído a obras de duas categorias:*

- a) ao melhor livro de versos, não inferior a 100 páginas, que seja publicado de 1 de Julho de 1933 a 31 de Outubro de 1934 e em que se revele uma inspiração bem portuguesa e mesmo, de preferência, um alto sentido de exaltação nacionalista;
- b) a um poema, ou poesia solta, onde as mesmas qualidades e intenções se manifestem.

N.º 2) — À primeira categoria será concedida uma recompensa de Esc.: 5.000\$00 e à segunda uma recompensa de 1.000\$00.

---

<sup>4</sup> Vem a propósito lembrar que toda a paginação impressa da *Mensagem* respeita escrupulosamente a do próprio original dactiloscrito, o qual contém duas páginas “nulas”, com versos posteriormente alterados pela inclusão de folhas contíguas: a página vinte e três (poema “D. Tareja”) e a página quarenta e cinco (poema “Affonso de Albuquerque”). Como se sabe a orientação gráfica da *Mensagem* foi principalmente da responsabilidade de Augusto Ferreira Gomes, autor do livro *O Quinto Império*, impresso na mesma oficina e com evidentes afinidades estéticas de paginação (O dactiloscrito foi reproduzido em fac-símile por Guimarães Editores no ano de 2009. Proveio do espólio de Armando de Figueiredo, da Editorial Império, onde se imprimiu a *Mensagem*).

<sup>5</sup> Segundo José Blanco, teria havido uma primeira versão do regulamento, com prazo mais apertado para a entrega das obras enviadas a concurso, e uma segunda, alargando o prazo até 31 de Outubro de 1934, o último dia do mês em que se imprimiu a *Mensagem*.

3.<sup>a</sup> — Lido o regulamento, o director do Secretariado apresenta a lista dos candidatos, na qual Fernando Pessoa figura como primeiro concorrente à estapafúrdia “Primeira categoria”, dita das obras com “mais de 100 páginas”.

4.<sup>a</sup> — Só depois da leitura da lista de concorrentes é que o júri, representado tão-somente por Mário Beirão e Acácio de Paiva (tanto Teresa Leitão de Barros como Alberto Osório de Castro não estiveram presentes e enviaram cartas com os respectivos votos), decide considerar “fora dos termos do regulamento, para a primeira categoria, os livros *Melodias na sombra* [de Joaquim Costa], por se tratar de uma colectânea de versos já publicado noutros volumes, *Água do meu poço* [de Marques Matias], por ser inferior a cem páginas, e *Mensagem* pelo mesmo motivo, visto que o corpo do livro acabava na página número noventa e seis”. Até hoje, segundo creio, não deve ter ocorrido em todo o mundo civilizado um caso semelhante de ignorância bibliográfica, em que alguém (fosse Beirão ou fosse Paiva) considera fora da contagem das páginas o índice e a subscrição final, num total de 6 páginas, isto é, da página 97 à página 102.

5.<sup>a</sup> — Além de Fernando Pessoa (candidato preferido por Teresa Leitão de Barros), concorreram ao Prémio Antero de Quental na categoria dita “de mais de cem páginas”, entre outros autores, Vasco Reis (que recebeu votos favoráveis do ausente Alberto Osório de Castro e dos presentes Mário Beirão e Acácio de Paiva) e Pedro Homem de Mello, Silva Tavares, Fausto José e Hugo Rocha (todos com referências elogiosas de dois dos quatro membros do júri).

6.<sup>a</sup> — Nas obras concorrentes à segunda categoria havia duas muito acima das restantes, em termos de qualidade estética: *Quinto Império*, de Augusto Ferreira Gomes, e *Ciúme*, de António Botto. Ambas são referidas com apreço na carta de Teresa Leitão de Barros, enquanto Alberto Osório de Castro parece não ter olhado para as obras concorrentes a esta categoria e Acácio de Paiva manifesta “a sua intenção de não dar o seu voto a nenhuma das obras apresentadas, por nenhuma delas o satisfazer completamente”.

7.<sup>a</sup> — Antes de terminar a sessão, faltava ainda assistir ao número circense que arrumou com a *Mensagem* para um canto: esse momento surge quando Mário

Beirão tira da cartola o coelho que já ninguém aguardava e “propõe que o prémio [da segunda categoria] seja atribuído à *Mensagem* de Fernando Pessoa, quer pelo seu valor intrínseco quer por se tratar de uma obra que pode ser encarada no seu conjunto como um autêntico poema nacionalista”.

\* \* \*

No 2.º volume das suas memórias, intituladas *Ao fim da memória*, recorda Fernanda de Castro:

[...] havia um regulamento que dizia: os livros premiados deverão ter o mínimo de 100 páginas. Por infelicidade, faltavam meia dúzia de páginas à *Mensagem* para que obedecesse a esta regra. O meu marido falou, discutiu, argumentou, mas a resposta foi sempre a mesma: — Está fora da lei. É contra o regulamento.

E assim ele teve de inventar, à pressa, um prémio extra, para que não ficasse à margem, esquecida numa gaveta, esta *Mensagem* que fez de Fernando Pessoa, sobretudo no estrangeiro, o continuador de Camões, e a sua *Mensagem* um novo capítulo de *Os Lusíadas*... (pág. 314).

Está visto que não foi bem assim, porque a *Mensagem* tinha mesmo mais de 100 páginas. Naquele júri a que presidia e onde ninguém era conhecedor de assuntos de bibliografia, decidiu António Ferro, que da matéria era tão inadvertido como os restantes, “estudar com atenção o processo de aproveitar a escolha do júri para demonstrar a Fernando Pessoa o particular apreço que a sua rara personalidade merece a todos os espíritos cultos”.

E foi assim — sabemo-lo hoje — que, com a subida do prémio dito de “segunda categoria” para 5.000\$00 (em vez dos 1.000\$00 previstos no regulamento), se tentou salvar a honra do convento...

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE LETRAS  
NA SESSÃO DE 15 DE ABRIL DE 2015)